

Gêneros, formas e status: uma farmácia para transmissão

DOI: 10.3395/receis.v3i3.294pt



Véronique Temperville

Laboratório Geriico, Universidade de Lille 3, Lille, França
veronique.temperville@univ-lille3.fr

Resumo

Este artigo trata das noções de gênero e forma através de uma nova leitura de Derrida e demonstra que a natureza inefável do *phármakon* lança luz sobre como a permanência, a hibridização e a metamorfose estão presentes em documentos digitais. A noção de contexto se apresenta e os problemas de legibilidade e legitimação são entendidos como uma característica constante na recepção de documentos.

Palavras-chave

documentos digitais; legitimação; alfabetização informacional; web 2.0; leitura

Introdução

Esta pesquisa é parte do trabalho de uma tese doutoral iniciada há um ano sobre o papel das inscrições documentais na transmissão de conhecimento. Nossa reflexão sobre o papel dos documentos na transmissão nos levou à questão dos conceitos de gênero, forma e status. Algumas reflexões acerca disso serão comunicadas neste artigo. Baseia-se em um estudo comparado no âmbito de três áreas: Psicologia, Espanhol, História e Computação. Elas¹ foram coletadas durante entrevistas conduzidas em 2007 e 2008. Não pretendemos uma discussão pormenorizada sobre o relacionamento entre forma e gênero e muito menos participar dos muitos argumentos teóricos que provoca, mas indicar algumas dificuldades que advêm do contexto de transmissão do conhecimento. Por isso adotamos uma definição dicionarizada (PETIT ROBERT, 1993) das noções de forma e gênero.

Forma: aparência, aspecto visível. Conjunto de contornos (de um objeto ou ser) resultante da estrutura de seus componentes que o faz visível.

Gênero: idéia geral acerca de um grupo de seres ou objetos com características em comum. 2 – Uma categoria de trabalhos definidos pela tradição (de acordo com o tom, assunto ou estilo).

A ambivalência das noções de gênero, forma e status conforme aparecem em enunciações de palestrantes nos levou a uma releitura da análise que Derrida fez da Farmácia de Platão. Pretendemos adotar alguns elementos dessa análise esclarecer como essas noções funcionam em um contexto digital. Examinaremos três níveis do *phármakon* do qual Derrida tratou: sua ambivalência fundamental, como ele participa da mimesis, e a extensão de jogo que há nele.

Derrida define *phármakon* como sendo ambíguo: é tanto o veneno como o antídoto. Gênero e forma regulam a leitura e a libertam abrindo uma gama de possibilidades. O *phármakon* como veneno ou antídoto é um suplemento, e, como tal, traz à tona a questão da imitação e reprodução. O *phármakon* participa do jogo nos permitindo questionar os conceitos atuais de hibridação e metamorfose na mídia internet. Como se pode ver, essa releitura da Farmácia de Platão não visa reinterpretar os aspectos ontológicos e metafísicos que escrita, conhecimento e verdade têm em comum, como fez Yves Jeanneret (2000) em sua concepção global do documento digital. Pretendemos, de forma mais modesta, extrair do *phármakon* algumas características úteis para a compreensão das transformações atuais em documentos e sua transmissão. Este trabalho enquadra-se em uma abordagem sociocultural e semiótica dos documentos digitais.

Ambivalência

Identificar, classificar, nomear: taxonomias e atrações

O contexto deste estudo é uma reflexão sobre a transmissão do conhecimento, mais especificamente em um ambiente universitário; isso implica certo número de parâmetros que estaremos identificando conforme desenvolvemos nossa análise. O trabalho universitário participa no que podemos chamar de leitura compulsória, o que significa que a leitura pelo prazer estético e gratificante (no sentido de propositado, sem propósito) tem pouco espaço. Frequentemente, essa leitura é imposta e é uma pré-condição para realizar uma tarefa escrita. Nesse contexto, diversas exigências específicas surgem: a primeira, é claro, é a necessidade de encontrar as fontes corretas rapidamente. Porque a forma dá à escrita sua presença (DERRIDA, 1972, p.188), ela é o centro de tais atividades *taxonômicas*. A leitura exige atividades preparatórias para a identificação e o reconhecimento do gênero. Ler um documento implica configurar a atividade de leitura em um contexto histórico caracterizado por convenções tipográficas, layout de página, práticas de escrita e outros elementos que poderíamos chamar de retórica visual e verbal da imagem e do texto. O leitor convoca um *arquitexto*² o que significa dizer uma série de características distintivas que permitem que ele classifique os textos enquanto lê. A estabilidade relativa dos formatos de enciclopédia e dicionários estabelecidos gradualmente por várias gerações permite um uso eficiente dessas ferramentas. Nesse gênero-forma, o leitor espera se deparar com artigos relativamente curtos que fornecem definições e apresentações sintéticas de uma noção. As observações coletadas com o uso da Wikipédia confirma essas estratégias de leitura:

SPAN4: mas é só para conseguir as datas... em vez de olhar em um livro de referência sobre civilização que eu posso não ter ou em um dicionário não muito recente (...)

PSY10: Bem, às vezes faço isso em palestras quando uso certas definições, pode ser quando tenho que apresentar algo eu procuro na Wikipédia.

De forma semelhante, quase todos os palestrantes entrevistados mencionam a Wikipédia como recurso para verificar datas, informações avulsas ou detalhes e ainda como ponto de partida para uma pesquisa mais profunda. A Wikipédia foi constantemente relacionada à terminologia da definição: “um item avulso, alguma coisinha”, etc. Os palestrantes chamam as seções de “artigos ou verbetes” posicionando claramente a Wikipédia no domínio do dicionário ou da enciclopédia. Quando pedido que a qualificassem, todos responderam: dicionário e/ou enciclopédia. A percepção do gênero, conforme demonstrado na análise de Genette (1979, p.81-82) parece ter ocorrido corretamente, permitindo a identificação e a classificação de textos. O gênero e a forma fornecem o arcabouço (GENETTE, 1982, p.12) necessário para as expectativas e acionam o estilo de leitura apropriado. Essas observações parecem sugerir que o processo de leitura é de fato eficaz. Entretanto, quando nos aproximamos das respostas dadas, os dados parecem menos bem definidos. Incongruências significativas surgem, na prática da denominação, hesitante demais, ou nas estratégias de leitura múltiplas que os leitores usam. Ao pedido “Qualifique a Wikipédia em uma palavra” os palestrantes de fato concordam com o termo enciclopédia, mas normalmente após uma longa pausa para pensar e ainda assim a resposta vem como uma concessão: “HIS2: (pensa sobre o assunto por um longo intervalo) enciclopédia; pois é assim que ela se define”.

É como se a Wikipédia se recusasse a ser trancafiada em uma categoria. Listar os usos da Wikipédia é realmente uma experiência esclarecedora! Mais que o uso tradicional de um livro de referência, ela lembra um dos poemas catálogo de Jacques Prevert: dicionário, livro de culinária, banco de imagens, livro faça-você-mesmo, enciclopédia, atlas, tutorial, livro texto. E essa lista não é de forma alguma completa! A atração do leitor pode criar hipóteses contraditórias. Esse fenômeno foi discutido por Dominique Cotte (2004) e surge durante a leitura continuada que o sujeito faz do projeto Wikipédia. Uma indicação é a confusão do nosso entrevistado ao se deparar com uma página dos Wikibooks:

HIS3: não... [ele navega pelas Guerras do Ópio] É que não vejo diferença entre... Nós deveríamos estar no Wikibooks!? Está em algum lugar entre isso ou um artigo normal, acredito. Isso não é um livro?! Não é como o Google books onde você tem um exemplar do livro. O que é? Uma versão em tela de um livro?

Aqui o processo de denominação não exclui nenhuma forma nem identifica um gênero. As regras da leitura estão indeterminadas pela falta de limites taxonômicos claros, o que impede o processo de inferências necessário para apreender o objeto textual.

Triagem e legitimação: uma atividade perigosa

Essas atividades de identificação e classificação, tão essenciais no trabalho dentro da universidade, determinam como as atividades de seleção e validação são conduzidas.

Essas noções são particularmente centrais em um contexto institucional, dada a importância da prática de citações. Agora chegamos à segunda maior exigência de uma pesquisa acadêmica. O leitor, antecipando as expectativas da instituição, reconhece suas fontes de acordo com o quanto elas são citáveis. Escolher um gênero é implicitamente dar crédito a uma fonte: ao se fazer isso, reconhece-se sua legitimidade a partir dos valores de uma tradição ou cultura em cujo centro encontramos as funções do autor e editor. Para validar e julgar a informação com a qual ele se depara, nosso leitor usar sua experiência passada com a enciclopédia bem como com dicionários e seus sistemas de edição e validação. Estou em posição de identificar o autor? E o editor? A fonte ou é legítima ou não é. Vamos tomar como exemplo o palestrante de História que, embora admitindo a qualidade de um verbete da Wikipédia sobre “André Dupin” diz:

HIS3: Vou dar uma olha em outro site, o dicionário de Membros do Parlamento, pois sei que embora possa ter alguns erros, vai me dar um verbete um pouco mais científico, ou pelo menos um mais reconhecido. Eu colocaria uma referência ao dicionário dos MPs em uma nota de rodapé tranquilamente, mas acho que não usaria a Wikipédia como referência.

Essa rejeição de gêneros-formas não ortodoxas é especialmente aparente no caso dos blogs:

COMPUT3: Lembro-me de uma tese com a qual tive que lidar, há pouco tempo, na qual a pessoa citou vários blogs na bibliografia. Eu fiquei muito incomodado. Eu disse a ele: “Pelo que me consta, existem trabalhos de referência confiáveis que são artigos publicados e que foram lidos por comentadores (...) não estou interessado em sentimentos que um autor expressa no seu blog! Se ele tem algo interessante a dizer a uma comunidade de pesquisa, ele publica e é avaliado pelo que diz. (...) Eu chegaria até a dizer que por mim isso não seria citado em uma tese.

Um blog pode ser consultado por curiosidade, mas no fim será rejeitado pelos padrões aplicados pela instituição. Suas características editoriais (ausência de uma comissão editorial e publicação própria) e características autorais (uma dose elevada de pontos de vista subjetivos) impedem que seja citável. As observações que fizemos nos fornece uma gama de indicadores. Com isso em mente, para ajudar os alunos a assumir um lugar no mundo acadêmico, só é preciso que se faça com que eles identifiquem novas formas ou gêneros que irão encontrar em seus estudos. Essa análise tende a provar que seria o suficiente, por exemplo, pedir que eles identifiquem qual o gênero-forma de “blog” ou o gênero-forma de “enciclopédia colaborativa” ou gênero-forma “literatura vulgar”, gênero-forma “artigo científico” e em geral todas as formas específicas ao campo de estudo (arquivos, por exemplo, no caso do historiador) e assim por diante, para que os estudantes fiquem cientes do que devem usar e como devem lidar com isso. Uma análise mais detalhada das observações que coletamos demonstra que as coisas não são assim tão simples.

Diferente do sistema antigo de validação pelas autoridades reconhecidas (editores, bibliotecários e

outras instituições), a produção e publicação de atividade disponíveis através da internet exige que o leitor esteja constantemente prevenido, criando assim um nível de incerteza com relação ao status do documento consultado. Uma série de exemplos e práticas sugerem esse fenômeno: por um lado a Wikipédia, que pode ser tanto citada como idêntica a uma enciclopédia editada por comissões científicas ou simplesmente ignorada, dependendo do portal de documentos³ ou do portal de biblioteca acadêmica que se consulta. Por outro lado, sites como Youtube e Daily Motion, apesar de serem vistos de forma unânime como sites de entretenimento e uso privado, também são usados como auxiliares no ensino. Isso ocorre quando se assistem documentários com notícias sobre comemorações e costumes tradicionais, mesmo que o professor relute em citá-los como referências bibliográficas:

SPAN5: Bem, a princípio hesitei, não tinha certeza se eu deveria dar o link do Youtube, mas depois pensei comigo mesmo que eles estão na universidade e já têm os meios para resolver eles mesmos. Achei que fazer isso era parte do trabalho também.

O gênero-forma, sujeito à lei de excedente e de contaminação tão cara a Derrida, não pode mais ser tomado como um sinal de uma legitimidade pré-estabelecida. Desse ponto de vista, o gênero-forma se torna uma construção sem fim do leitor, conforme ele se confronta com novas fontes. O gênero, como a forma, pode funcionar como atração ou armadilha. Ambos sujeitos à lógica da participação sem pertencimento como definido por Derrida (2003, p.243). O leitor é preso em um *double-bind*: ele precisa estabelecer rotinas para uma leitura eficiente, para identificar e avaliar o texto que está lendo e ao mesmo tempo estar alerta. De fato, as tentativas do usuário da internet de apreender um documento pode trabalhar contra ele, e pode fazer com que releve informações vitais levando-o a ignorar fontes que são na verdade interessantes para ele, ou então levá-lo a interpretar mal o nível de legitimidade da fonte. Ambos os casos configuram problemas significativos. Deve-se então, em tal situação, alinhar-se ao palestrante citado abaixo e escolher não confessar as fontes: “HIS2: no fim das contas, é uma fonte que não se pode assumir.” Ou será que se deve tentar enfrentar o desafio e pensar em termos de integração?

Mímesis

Reconhecimento e repetição

Os sites web 2.0 causam reações fortes porque eles perturbam os códigos, padrões e valores com os quais os pesquisadores se comunicam entre si e transmitem seus conhecimentos. A ambivalência do *phármakon* solapa o consenso institucional e afeta o conhecimento e a forma como ele é produzido e como é representado. Derrida desdobra o conceito de Platão e o contrasta com seu contexto filosófico e histórico, mostrando assim que ele é um suplemento e que pertence à mímesis e ao simulacro, que é a cópia de uma cópia, ou, no caso do texto, a cópia de uma escrita, que é ela mesma a repetição de uma memória inerte. Como mencionado acima, iremos

somente tangenciar essa análise e entraremos na questão da cópia e do simulacro com uma visão para fornecer um esclarecimento funcional de práticas correntes.

As declarações feitas pelos palestrantes mostram que saber acarreta reconhecer e que aprender é uma questão de lembrar. Quando perguntamos aos palestrantes sobre o critério usado para avaliar suas fontes, as respostas foram praticamente unânimes. Só se pode julgar o que já se sabe e somente quando se é especialista na área: “COMPUT3: *Posso criticar quando sei o que estou falando.*” O indivíduo usa seu conhecimento prévio para absorver novas informações. Ele as mede a partir de seus parâmetros e as interpreta sob essa ótica. O moderno repete a repetição do antigo. A legitimação produz a mímesis.

Cortar, comparar, colar, cruzar referências de fonte: essas tarefas, o que Antoine Compagnon (1979) chama de tarefas de segunda mão, se tornaram auto-evidentes com a internet. A mesma mão que delinea e elabora o pensamento reunindo trechos nos lembra de que a citação é central à elaboração do pensamento. O difamado comportamento de copiar e colar não está tão distante das práticas de cortar páginas e montar antologias de citações (BLAIR, 2003) às quais nossos predecessores cediam. Alguns palestrantes estavam cientes disso:

COMPUT2: (...) mas acho que eles fizeram a mesma coisa com os livros anteriores, na minha opinião dá no mesmo. A diferença com a internet é que todo mundo cola dos mesmos lugares e se torna óbvio no fim das contas. Se eles tivessem colado de um livro, talvez não tivéssemos notado.

Para afirmar sua identidade dentro da universidade e dentro de sua disciplina, o estudante precisa assimilar práticas de citação e formas de expressão que pertencem a uma tradição de cem anos. A experiência da produção textual é de repetição que, portanto, se torna um modo de se apropriar da informação. Aprender é sempre copiar parcialmente, mas copiar mudando o sentido.

Simulacro

A necessidade de mudar o sentido está relacionada à própria natureza da imitação, o que só pode funcionar se ela se nomeia simulacro. “Uma imitação perfeita deixa de ser uma imitação (DERRIDA, 1972, p.173)”. A análise do que os palestrantes lêem e como se apropriam do que lêem demonstra que o simulacro é essencial para a compreensão. A comparação entre Google books e Gallica por um lado e o site da Biblioteca Bielefeld⁴ por outro, exemplifica esse processo. Os três sites oferecem ao leitor obras digitalizadas, mas um deles faz isso de forma ligeiramente diferente, de forma que o simulacro de consultar um livro em uma biblioteca é alcançado com maior sucesso. Se analisarmos como a interface de leitura (BÉGUIN, 2006) é configurada, podemos fazer diversas observações: os três sites promovem o simulacro fazendo a ilusão se manifestar. Eles criam a interface da mesma forma, isto é, através de um sistema de quadros entrelaçados que isolam o sujeito e especifica a reprodução. O leitor pode reconhecer as páginas. Entretanto, a interface usada pelo Google books e pela

Gallica padroniza a representação do livro, uniformizando as rugosidades e despojando-o da maior parte de suas características físicas: todos os livros são apresentados no mesmo formato de página com um pano de fundo cinza. Os únicos traços do aspecto material do livro que ele já foi se limitam a foto da primeira página e folha de rosto. O site Bielefeld por outro lado devolve ao livro sua qualidade material oferecendo ao leitor uma fotografia que o fornece a ilusão de poder tocá-lo. A interface para demonstração e acesso à obra envolve o leitor em um processo de apropriação cujo objetivo é reproduzir o prazer que ele teria ao folhear um texto raro. O usuário de internet se comporta como se a obra estivesse disposta diante dele, como se ele pudesse abrir e folhear os mapas impressos do original. A reprodução de alta qualidade que transmite fielmente a cor e até mesmo a textura do papel completa a ilusão. O professor naturalmente percebe a qualidade da reprodução e esbanja elogios:

HIS1: (...) São maravilhosos! (...)

VT: e ainda dá para fazer uma cópia pessoal!

HIS1: Sim, em jpeg... E veja isso, tem até uma lista de mapas, dá para ir direto para o mapa desejado. (...) Além disso, quando você pega, dá para manter o mesmo nível de definição, isso é incomum.

Nesse tipo de sistema estamos na presença de uma permanência do documento. A identificação e a validação podem ser feitas sem dificuldade. A imitação cumpriu seu papel perfeitamente. Ela se declara pelo que é e assim permite que a consciência da diferença surja suavemente. A biblioteca Bielefeld, bem como a Gallica e o Google books, permite, portanto, acesso às suas coleções como forma de *permanência*, permitindo que o leitor folheie os livros eletronicamente, assim como *modernidade* também permitindo que recupere, manuseie e ganhe acesso direto a um documento selecionado. O professor reconhece isso e dá crédito a esse tipo de fonte quando ele generaliza seu julgamento sobre o portal da biblioteca Bielefeld: “*HIS1: Sim, de qualquer forma, quando se quer informação de verdade, é melhor contar com as universidades.*” O mundo digital tece o passado e o presente juntos.

Jogo Hibridização

Essa diferença, como é revelada a partir da permanência, acentua a dimensão lúdica do fármakon. Esses dois aspectos não podem ser separados. A interação entre forma e conteúdo define o texto e o documento como fármakon (DERRIDA, 1972, p.158): “*O fármakon é o movimento, o lugar, o jogo (de produção) da diferença*”. O fármakon é essencialmente tangível e não tem um caráter próprio (DERRIDA, 1972, p.156). Então o problema para o leitor é como integrar essa dimensão e ainda respeitar as demandas da instituição. A emergência de novas formas tem sido o foco de muitas análises (CROWSTON et al. , 1997). Na França, há muitos anos essas questões se centram na hibridização e metamorfose. No âmbito limitado deste artigo, não

será feita nenhuma tentativa para lidar com o número enorme de formas de hibridização e metamorfose, mas traremos à tona algumas características que consideramos essenciais para a questão da transmissão. A hibridação, definida como “O cruzamento natural ou artificial entre duas variedades, duas raças da mesma espécie ou entre duas espécies (PETIT ROBERT, 1993)”, promove a existência de novas formas que acarretam a coexistência de características heterogêneas, solapando a hierarquia percebida entre as formas originais. Isso foi o que o palestrante descreveu quando deu seguimento à nossa pergunta sobre o uso dos blogs ‘Plos One’ que reúne as características de um blog (presença de interatividade) e de uma publicação científica tradicional (presença de processos de validação):

PSY9: Não em pesquisa, de jeito nenhum! (...) Não, mas pode ser encontrado em websites institucionais! Por exemplo, existe uma revista chamada Public Library of Science: PLOS, que é uma revista online gratuita. Eles desenvolveram algo: “A PLOS é bem feita. Você publica um artigo e as pessoas respondem a ele. (...) Atualmente está apenas no começo, mas vai tomar a forma de um blog científico, o que seria mais adequado para nós. (...) Assim não é qualquer pessoa que opina sobre qualquer coisa. Esta sujeito a referências. (...) Os cientistas perguntam eles mesmos e os autores dos artigos respondem. Assim o nível científico compensa.

Para justificar a credencial científica, essa revista ostenta sua comissão científica e a revisão de colegas tão característica desse modo de publicação, bem como os fatores de impacto⁵. A criação das exigências de gênero-forma exige um esforço de legitimar e explicar diferente do simulacro, que produz validação espontânea. A hibridização precisa se justificar, ela provoca conflitos de representação e, portanto, nomenclatura. Nosso palestrante chama o jornal “aquilo” e ‘Plos one’ sente a necessidade de se apresentar com o slogan “Publicando ciência, acelerando a pesquisa”.

A apropriação não é, portanto, sempre um processo óbvio. A criação de formas híbridas perturba o leitor que se encontra diante de gêneros-formas que não indicam mais muita coisa sobre seu status e suas credenciais. As atividades de classificação e taxonomia identificadas acima como essenciais para a apreensão da informação se tornaram mais e mais complexas. Os experimentos empreendidos pela Biblioteca do Congresso e pela Biblioteca de Toulouse⁶ refletem outro desses desenvolvimentos. Inicialmente criado para compartilhar fotos de indivíduos e profissionais, o website Flickr foi recentemente usado por ambas as bibliotecas como base de suas atividades de arquivo e consulta. Ambos os casos destacam o paradoxo da hibridização, que também pode obter suas credenciais do uso popular. Pode parecer surpreendente que as duas bibliotecas tenham convertido a responsabilidade de explorar as coleções tradicionais inextricavelmente associadas ao seu prestígio e identidade como biblioteca para um website que foi amplamente reconhecido como mídia de ‘massa’ voltado para um uso privado. Além das considerações econômicas, pode-se observar uma tendência comum a outras áreas, em que o espaço

institucional se mistura ao espaço pessoal, para benefício de um instrumento ou tecnologia específica. Esse site permite que diversos sistemas de validação e certificação coexistam com pouco no que diz respeito a sinais explícitos (logo ou uma explicação mais ou menos sucinta). Esse fenômeno enfraquece a legibilidade de documentos online que assimilam a indexação social⁷ (com tags) com indexação profissional, colocando a coleção tradicional da biblioteca na mesma categoria que as fotos de férias. Será que temos aqui um caso de instituições assumindo gêneros-formas não convencionais, ou será que é o caso de um gênero-forma evoluindo além do enquadramento das instituições? A questão do significado e de como o leitor deve ler esses sites permanece em aberto.

Metamorfoses de mídia

Desse ponto de vista, a metamorfose seria a faceta mais evoluída da hibridização, pois ela afasta a própria forma de onde adveio. Nesse caso, o leitor se encontra diante de um novo gênero-forma, cuja aparência exterior não é mais reconhecível, nem contém sinais contraditórios. Os conflitos causados por essa situação nova pode chegar ao ponto de adiar a leitura, como foi o caso do Wikibooks mencionado acima. O livro pode estar trocando de pele para assumir outra forma que a plasticidade da nova mídia agora permite que ele tenha. Esses novos gêneros-formas posicionam o ato de escrita em uma dimensão temporal, deixando a forma e a intenção autoral em aberto e assim provocando uma quebra nas expectativas. Entretanto essa mudança é inaceitável, pois põe em dúvida de forma extremamente dramática o elo de comunicação tradicional entre o destinatário e o emissor. Lembremos a forte reação que nosso entrevistado teve ao ser confrontado com o Wikibooks. Sua reação não nada incomum:

VT: Você já ouviu falar no Wikibooks?

HIS4: Não (ela entra online e lê) (...) Você pode modificar qualquer página velha de um curso! (...) Caça às bruxas: Eu poderia pegar alguma coisa que sei um pouco... (Ela lê) É um livro escrito por várias mãos! Como eles fazem isso? (Ela olha). Então para quem isso foi criado? Para professores?

A similaridade perfeita entre as interfaces do wikibooks e da Wikipédia desencadeia uma série de perguntas e rejeições. Nossos entrevistados imediatamente categorizam os documentos como uma página de enciclopédia e a rejeitam em termos da *forma* como parte de um livro definido por sua natureza fechada:

VT: Mas o que você acha que é um livro?

HIS3: É um objeto elaborado que tem um começo e um fim. É um objeto material e é o posicionamento que as pessoas adotam ou pelo menos a expressão de uma ou de diversas pessoas sobre um assunto. É um corpo de conhecimento fechado que pode ser modificado pelos mesmos autores em outras edições, mas o livro é um objeto terminado.

Ambas as características mencionadas acima que preenchem o potencial da internet são percebidas como

ameaças diretas não só a forma do livro mas também, mais genericamente, a todas as formas de escrita institucional, pois elas solapam as condições de comunicação dentro da comunidade. O fenômeno da desautorização que observamos nas entrevistas e que está presente de várias maneiras: ausência de autor, uso de pseudônimos, autores autoproclamados (BROUDOUX, 2005)... ameaçam a coesão do pensamento e sua própria expressão. Essas características desafiam a noção de “fonte de expressão” (“*foyer d’expression*”) tão cara a Foucault (FOUCAULT, 2001, p. 830), que garante a coesão e ordem do discurso o situando em seu contexto histórico e intelectual. Aqui chegamos a um limite além do qual estaríamos em um domínio de textos ilegíveis. As mudanças, que se infiltram mesmo nas formas mais convencionais de escrita e leitura com a qual nos deparamos na universidade, levantam questões de *participação sem pertencimento*, que Derrida considera a *lei da lei do gênero*. Os padrões são redefinidos e reelaborados nas margens externas da instituição. Redefinir os limites da forma e do gênero, delineando a fronteira em torno dos seus espaços para evitar que se dissolvam - tal pode ser a questão para o documento digital no contexto da transmissão do conhecimento. A fragmentação da postura enunciativa e a mudança da escrita e da leitura em direção a um estado de fluxo lançou de uma vez por todas o sistema de referência universitário em águas violentas.

Conclusão

A noção de *phármakon* parece ser especialmente útil tanto para entender a mudança atual quanto para refletir sobre a apropriação de novas formas pelos leitores. Se forma e gênero são vistos como paradigmas para se ensinar a ler na tela, eles podem fornecer uma solução para o beco sem saída intelectual de julgamentos de valor não informados através da revelação de elos inextrincáveis entre a representação social, prática, apropriação e formas materiais, que funcionam juntas como um sistema. A transmissão eficaz depende da nossa percepção desse sistema.

Notas

1. São vinte e quatro entrevistas: oito com palestrantes de espanhol, oito de psicologia, quatro de história e quatro de ciência da computação. Elas foram realizadas com a técnica de entrevista abrangente (KAUFMANN, 2006. p.53 e 54) para deixar os entrevistados livres na expressão de seus julgamentos. A primeira série de entrevistas foi sobre práticas gerais de processamento de informação, a segunda série foi sobre os websites Web 2.0.

2. Definição: “o conjunto completo de categorias gerais ou transcendentais – tipos de discurso, modos de enunciação, gêneros literários – dos quais cada singular emerge”. GENETTE, 1982, p. 7

3. <http://w3.uniroma1.it/vrd/risorse.aspx>
4. <http://www.ub.uni-bielefeld.de/diglib/2005/lemaire/>
5. <http://www.plosone.org/static/information.action>
6. <http://www.flickr.com/photos/bibliothequedetoulouse/>
7. <http://figoblog.org/node/1921>

Referências bibliográficas

BÉGUIN, A. **Images en texte, Images du texte : dispositifs graphiques et communication**. Villeneuve d’Ascq (Nord): Presses Universitaires du Septentrion, 2006.

BLAIR, A. Reading strategies for coping and information overload ca.1550-1700. **Journal of the History of Ideas**, vol 64, n°1, 2003. Available from: http://muse.jhu.edu/login?uri=/journals/journal_of_the_history_of_ideas/v064/64.1blair.html. Accessed 15 août 2008.

BROUDOUX, E.; GRÉSILLARD, S. ; LE CROSNIER, H. ; LUX-POGODALLA. Construction de l’auteur autour de ses modes d’écriture et de publication. 2005. Available from: http://archivesic.ccsd.cnrs.fr/sic_00001552.html. Accessed: 10 jun 2007.

COMPAGNON, A. **La seconde main ou le travail de la citation**. Paris : Éditions du Seuil, 1979.

COTTE, D. Leurres, ruses et désorientation dans les écrits de réseau : la métis à l’écran. **Communication et langages**, n°139, 2004. p. 63-74.

CROWSTON, K.; WILLIAMS, M. Reproduced and emergent genres of communication on the World-Wide-Web. 1997. Available from: <http://csdl2.computer.org/comp/proceedings/hicss/1997/7734/06/7734060030.pdf>. Accessed: 24 Jul. 2008.

DERRIDA, J. La dissémination. Paris: Éditions du Seuil, 1972.

DERRIDA, J. Marges. Paris: Éditions de Minuit, 1972.

DERRIDA, J. Parages. Paris: Éditions Galilée, 2003.

FOUCAULT, M. Dits et Écrits I, 1954-1975. Paris: Gallimard, 2005. 1707 p.

GENETTE, G. Fiction et diction précédé de Introduction à l’Architexte. Paris: Éditions du Seuil, 1979.

GENETTE, G. Palimpsestes: la littérature au second degré. Paris: Éditions du Seuil, 1982.

JEANNERET, Y. Y a-t-il (vraiment) des technologies de l’information? Villeneuve d’Ascq (Nord): Presses Universitaires du Septentrion, 2000.

KAUFMANN, J.C. L’entretien compréhensif. Paris: Armand Colin, 2006. 

Sobre o autor

Véronique Temperville

Véronique Temperville é doutoranda no laboratório Geriico, Universidade de Lille 3. Sua experiência inclui ensino e pesquisa nas áreas de comunicação e informação. Ela dá aulas de *information literacy*. É membro do grupo de pesquisa «Culture informationnelle et curriculum documentaire» (http://geriico.recherche.univ-lille3.fr/erte_information/). Suas áreas de atuação incluem a evolução da documentação e práticas informacionais de alunos e professores.